

# MAIS UMA DESILUSÃO AMOROSA

"Le Cid", de Corneille, é para mim uma lembrança... de Cachoeiro de Itapemirim — ou melhor, do rapazinho que eu era ali aos treze ou quatorze anos. Não me recordo de ter lido a tragédia inteira: na classe de francês, como em outras, os livros de texto eram mudados a todo momento, para desespero financeiro dos pais dos alunos. Tenho a impressão de que havia apenas trechos de "Le Cid" em uma antologia de teatro clássico. Guardei, entretanto, uma idéia do enredo e também uma lembrança confusa de versos bonitos e sentimentos nobres. Alguns alexandrinos célebres me ficaram gravados na memória:

*Ma plus douce espérance est de  
[perdre l'espoir*

ou

*La valeur n'attend point le nombre  
[des années*

ou ainda

*Et le combat cessa faute de  
[combattants...*

Para falar com franqueza foram tantos os textos que me empurraram durante o curso, que êsses mesmos versos tão citados eu não poderia garantir se eram de "Le Cid" ou de outra peça de Corneille — ou, quem sabe, de Racine... Mas a lembrança vital que eu guardei de "Le Cid" era aquela, de muitas "bolas de ouro" exprimindo sentimentos fidalgos de renúncia, de sacrifício, além de uma idealização de Chimène que, por sinal, se parecia muito com certa moga que morava do outro lado do Itapemirim...

Na noite do último sábado fui, com um amigo brasileiro, às montanhas do centro de Marrocos, além de Meknés, ver um grupo da Comédie Française, vindo especialmente de Paris, interpretar "Le Cid" diante do Arco de Triunfo de Caracala, nas ruínas da cidade romana de Volubilis. A noite estava linda, cheia de estrélas, e havia uma brisa suave. Projetores invisíveis iluminaram o mármore das colunas antigas. Senti-me emocionado de estar ali, naquele cenário belo e nobre. A música de um órgão invisível

elevou-se de repente; a pequena multidão silenciou. Começou o espetáculo...

*Ô rage! ô désespoir! ô vieillesse ennemie!* A verdade é que minha emoção foi murchando rapidamente para um desconforto decepcionado, comecei a achar ridículo o que antes me parecia o máximo da bacanidade... Foi eu quem ficou velho ou "Le Cid" que envelheceu? Don Rodrigue estava demais mocinho de "western"; seu pai era um canastrão ridículo; e Chimène, a doce Chimène, que mau caráter! Em menos de 24 horas ela fica noiva, vê o noivo matar seu pai, pede justiça ao rei, deixa que outro rapaz duele com seu ex-noivo para salvar sua honra e fica novamente noiva do mesmo sujeito. Mal tem tempo de se vestir de negro para chorar sua orfanidade e já está quicando de desejos de se unir ao assassino do pai. E tudo isso dizendo versos empolados de rimas baratas. Tudo o que outrora me parecia sublimemente romântico é moralmente sórdido e literariamente pífilo. E tudo, sobretudo, soa falso, com um som de latária chocalhada...

A linda Chimène diz dois dos versos mais cretinos da língua francesa. O primeiro quando pede, sem nenhuma convicção, que Rodrigue seja punido pela morte de seu pai:

*Il est juste, grand Roi, qu'un  
[meurtrier périsse.*

O segundo quando, no dia seguinte, de acordo com a vontade do Rei, concorda em casar-se com o mesmo Rodrigue:

*Et quand un roi commande, on  
[doit obéir.*

A esta altura, atrás de mim, muitos espectadores riram, como se estivessem assistindo a uma farsa. Mas eu não ri. Eu estava triste, decepcionado, vazio por dentro. Muitas mulheres já me enganaram ou desiludiram nesta vida; mas no fundo de meu coração cachoeirense de treze anos eu continuava secretamente a adorar Chimène...

E era uma boa bisca.